UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Nome: Edilson do Nascimento Costa Júnior

Data: 23/08/2021

Disciplina: Português Instrumental

Curso: Ciências da Computação 1º período

|  |
| --- |
| MOREIRA, Josilene A.; SILVA, Ricardo M.; CARVALHO, Maria Eulina P. Cenários  Prospectivos: uma visão do futuro da presença feminina em cursos de Ciência da  Computação de uma Instituição de Ensino Superior. *In*: WORKSHOP SOBRE  EDUCAÇÃO EM COMPUTAÇÃO (WEI), 26., 2018, Natal. **Anais** [...]. Porto Alegre:  Sociedade Brasileira de Computação, 2018. Disponível em  https://sol.sbc.org.br/index.php/wei/article/view/3519. Acesso em 20/08/2021. |
| * “(...) as mulheres constituíram a maioria dos estudantes matriculados em cursos superiores no Brasil em 2015(...). Entretanto, quando analisamos os cursos e áreas de ingresso, verificamos uma polarização entre as escolhas de homens e mulheres: elas predominam nas áreas compreendidas como femininas, tipicamente ligadas ao cuidado, enquanto eles predominam na área tecnológica.” (p. 1); * “ Embora recomendada pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas em 1997 (ONU, 2002), a transversalidade de gênero (gender mainstreaming) na Educação anda em passos lentos Brasil. Admitindo que “a educação brasileira ainda não incorporou totalmente o princípio da igualdade de gênero” e que permanece “o sexismo nas escolhas das carreiras acadêmicas” (Brasil, 2013, p.22)(...).” (p. 2); * “A realidade atual quanto à igualdade de gênero nos cursos do Centro de Informática segue a tendência da predominância masculina nas áreas de tecnologia, conforme o panorama de todo o Brasil. (...). Esta pesquisa, com base em dados quantitativos históricos de alunos ingressantes, matriculados e concluintes nestes cursos desde a sua criação, constrói e apresenta as curvas de tendências que indicam as possibilidades de cenários futuros quanto à perspectiva de equidade de gênero. Conclui que as desigualdades atuais tendem a permanecer e piorar, na ausência de uma política de inclusão de gênero direcionada à transversalidade e ao alcance da paridade entre discentes.” (p. 2); * “No Brasil tem se dado limitadamente a partir de iniciativas individuais de docentes para  a inclusão de conteúdos em disciplinas e oferta de disciplinas (em geral optativas) em  alguns cursos, sobretudo nas áreas de ciências sociais e humanas, e mais na pós graduação do que na graduação. Portanto, a inclusão de gênero na educação superior  brasileira padece, em geral, de fraca institucionalização e não alcança a área de STEM.” (p. 3); * “Desde a década de 1990, há países que desenvolvem iniciativas para incentivar a inclusão de meninas e mulheres em cursos e carreiras de STEM. (...) Todavia, o avanço das mulheres nos campos científicos masculinos tem sido lento; constata-se que, independentemente de disciplina e da proporção de alunas e país, elas abandonam as carreiras científicas em número muito superior aos homens em todas as etapas e especialmente após o doutorado (Rees, 2001). “ (p. 4); * “De acordo com Jung & Apedoe (2013), nos Estados Unidos a média de mulheres que cursam o Bacharelado em Ciência da Computação é menor do que 20%, e a presença das mulheres nas carreiras relacionadas à Ciência da Computação só chega a 25%. Estes autores também citam que uma das principais razões das meninas não escolherem carreiras relacionadas à Ciência da Computação é a falta de conhecimento sobre os diversos tópicos cobertos nos cursos superiores e sobre as diversas oportunidades oferecidas por estas carreiras.” (p. 4); * “(...)surgiu no Brasil o Programa Mulher e Ciência, em 2005, através de parceria entre vários ministérios (MCTI, CNPq, SPM, MEC, MDA) e a ONU Mulheres, com três estratégias de intervenção: financiamento de projetos de pesquisa em gênero, mulheres e feminismos, instituição do Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero para estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação, e realização do Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa “Pensando Gênero e Ciências”.”(p. 4); * “As tendências são baseadas em dados históricos sobre os quais são calculados os cenários futuros; relembra-se que toda a projeção é calculada isolando-se os fatores externos (que, caso ocorram, podem interferir nas projeções). Quando a análise é feita com dados históricos, o problema da desigualdade torna-se mais visível.”(p. 5); * “Quando este curso foi fundado, em 1985, atraiu um maior número de mulheres. Na primeira turma elas eram 36,4% e chegaram a 40,7% em 1993; entretanto, uma queda acentuada no ingresso feminino se deu a partir do ano 2000.(...) Há uma tendência de diminuição das mulheres a uma taxa de 0,4 % aa, ou seja, a desigualdade aumenta. Sem ações afirmativas para reverter essa tendência, não haverá mais mulheres em 2050.”(p. 6); * “Sabemos que a inclusão das mulheres em áreas da Ciência e Tecnologia não depende somente de políticas curriculares focadas na igualdade de gênero na educação básica e de programas de ação afirmativa que estimulem seu ingresso na educação superior, o que não se fez ainda no Brasil. Mais amplamente, é preciso mudar a organização patriarcal da família e do trabalho, através de “um entendimento crítico de gênero, de como ele funciona na ciência e na sociedade” (Schienbinger, 2001, p.39).”(p. 8); * “Nesse contexto, entendendo inclusão de gênero nas dimensões quantitativa e qualitativa, como políticas de paridade e transversalidade, consideramos que a universidade deveria assumir o protagonismo na realização dessas políticas, intra e extramuros. Uma das possibilidades de ação são os projetos de extensão junto às escolas da comunidade (Dos Santos, 2017; Mattos, 2015). Isso compreende informar, conscientizar e sensibilizar sobre o problema, especialmente os professores, sem esquecer que para as mulheres o primeiro passo para o empoderamento é tomar consciência dos preconceitos.” |